



O *FUNK* NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA JUVENTUDE PERIFÉRICA: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO *FUNK* MINEIRO

Autora: Crislaine Custódia Rosa¹
Orientadora: Clarice Cassab²

RESUMO

O presente artigo, busca compreender de que maneira a presença no funk mineiro atravessa a construção das identidades da juventude periférica de Belo Horizonte. Apresentando o funk como cultura popular e suas contribuições como ritmo da diáspora africana. O objetivo geral é analisar as letras do funk belorizontino; e como objetivos específicos identificar as formas de identidade expostas por estas letras e apontar os recortes de gênero entre seus membros e letras. Metodologicamente, utilizamos da análise documental de letras mais tocadas pelos funkeiros mineiros na totalidade, somando 50 músicas de dois desses artistas. Gerando discussões em torno de suas contribuições culturais de identificação e construção para as diversas realidades funkeiras.

Palavras-chave: Identidades funkeiras; juventude; funk mineiro.

RESUMEN

Este artículo busca comprender cómo la presencia en el funk mineiro atraviesa la construcción de identidades de la juventud periférica en Belo Horizonte. Presentar el funk como cultura popular y sus aportes como ritmo de la diáspora africana. El objetivo general es analizar la letra del funk Belorizontino; y como objetivos específicos identificar las formas de identidad expuestas por estas cartas y señalar las marcas de género entre sus miembros y letras. Metodológicamente, utilizamos el análisis documental de las letras más interpretadas por los funkeiros de Minas en su conjunto, sumando hasta 50 canciones de dos de estos artistas. Generar discusiones en torno a sus aportes culturales de identificación y construcción para las diferentes realidades funkeiro.

¹ Pós-Graduanda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Bolsista CAPES, custodiacrislaine@gmail.com;

² Docente do departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, clarice.torres@uff.edu.br;



Palabras clave: Identidades Funk; Juventud; Minas funk.

INTRODUÇÃO

*“Minas Gerais é o poder, todo o estado sabe disso
BH tá como? BH tá lindo”
- Mc Rick*

O presente trabalho surge a partir de questionamentos do *funk* como uma importante expressão da cultura popular. Deste modo, torna-se relevante discutir a influência das letras de funk na criação de identidade da juventude funkeira, tendo como campo empírico o *funk* mineiro. O trabalho também pretende apresentar contribuições aos estudos culturais e de juventudes discutindo essa manifestação cultural que toma conta tanto da mídia quanto das ruas na contemporaneidade.

Abordaremos aqui, a juventude no plural - “juventudes” - mais especificamente, as juventudes ligadas à subcultura *funk*. Construiremos uma leitura de juventude por suas práticas diárias, pela ótica da diversidade (Dayrell, 1988). As subculturas atuam como respostas das juventudes, e expressam um tipo de “resistência ritual”, e desta forma adotam uma nova identidade social, e assim são produzidos os “estilos subculturais”.

A partir do ritmo *funk*, em todo seu processo multicultural de desenvolvimento, surgem expressões e manifestações corporais diversas, tais como o “rebolar o bumbum” até os famosos passinhos, estilo de vida e linguagens próprias. Portanto, umas das revoluções do funk foi criar a identificação entre os jovens periféricos pelo Brasil, tendo como principal expressão deste contexto o movimento do passinho que ganhou destaque nos bailes e nas redes sociais, esta última sobretudo como ferramenta fundamental da expansão dos passinhos para as demais áreas do país.

Para construir este artigo, trazemos como objetivo geral analisar as letras do funk belorizontino; e como objetivos específicos 1. identificar as formas de identidade expostas por estas letras e 2. apontar os recortes de gênero entre seus membros e letras, compreendendo que são estes artistas que os jovens da capital consomem em seus



bailes, devido ao número de acessos que estes clipes têm conforme apontadas pelas playlist da plataforma de streaming *Spotify* e o site de clipes *YouTube*.

Partimos da premissa de que a juventude é uma categoria construída socialmente e suas manifestações não são moldadas, assim o *funk* como manifestação da cultural popular, é capaz de criar identidades (identificações). Abordamos o homem como ser cultural, e apresentaremos como a juventude se encontra neste meio, como se dá a construção da identidade funkeira a partir do ritmo, para assim refletirmos as identidades moldadas pelo viés cultural e a atuação simbólica do ritmo.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos neste artigo, a metodologia usada é a pesquisa documental, análise documental, para que seja realizado um levantamento das letras dessas músicas, bem como Análise Crítica do Discurso (ORLANDI, 2001).

Deste modo foram analisadas 50 músicas disponíveis no site “letras.com”, associadas aos Mc 's Rick e Anjim.

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O FUNK NA CONTEMPORANEIDADE

Ao *funk*, sempre foram atribuídos as mais diversas formas de preconceito e discriminação, mas este constitui-se, *sui generis*, subversivo diante do contexto musical/cultural brasileiro. Destarte, atualmente é um dos cenários mais revolucionários e importantes ritmos da cultura de massa do Brasil, como salienta Hermano Vianna, em 1988, sobre o ritmo originalmente das favelas cariocas.

Segundo Facina (2009, p. 03), a história do funk carioca tem origem na junção de tradições musicais afro descendentes brasileiras e estadunidenses. Não se trata, portanto, de uma importação de um ritmo estrangeiro, mas sim de uma releitura de um tipo de “música ligada à diáspora africana”. Então, como uma manifestação autêntica brasileira, principalmente, com a ascensão dos bailes, temos como voz precursora o DJ Marlboro, Furacão 2000, Kondzilla entre outros, o *funk* carioca desce o morro para o



asfalto e assim temos a chegada destes sujeitos em projeção nacional, porém, o fato de estarem nas grandes mídias não os impede de sofrerem com o preconceito, criminalização e perseguição policial.

No ano de 2017, um projeto de lei que pretendia criminalizar o funk recebeu mais de 20 mil assinaturas em apoio, mas acabou rejeitado pelo Senado. Já no ano de 2018 entra em tramitação o projeto proposto pelo Deputado Federal Chico Alencar (PSOL/RJ) que pretendia reconhecer o funk como manifestação cultural³ O projeto, contudo, m ainda segue em aberto no Senado⁴.

Em meio às diversas controvérsias geradas pela criminalização deste, o funk é tratado como pauta pela Secretaria de Segurança e não pela secretaria de cultura, tornando-se um debate de políticas públicas para juventude. Em 2018 foi aprovado na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro o projeto de lei da então vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) que instituiu o funk como patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Em São Paulo, a deputada Leci Brandão (PCdoB) conseguiu estabelecer o Dia Estadual do Funk em 7 de julho.

O funk é o segundo ritmo mais ouvido no país, ficando atrás apenas do sertanejo. O ritmo vem ganhando aderência mundial, e sendo apresentado em premiações internacionais como o Grammy 2021⁵. No ano de 2021, foi reconhecido como categoria de música urbana pela academia do Grammy Latino⁶

Assim, como outras expressões culturais de massa, o funk foi (re)apropriado e ressignificado. Inicialmente marginalizado, especialmente por suas associação a uma

³ Câmara aprova funk como manifestação da cultura popular. Câmara dos Deputados. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/538738-camara-aprova-funk-como-manifestacao-da-cultura-popular/>> Acesso em 24 de Agosto de 2021.

⁴ Projeto de Lei da Câmara nº 81, de 2018. Disponível em <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/134077>> Acesso em 24 de Agosto de 2021.

⁵ Cardi B usa funk de Pedro Sampaio ao se apresentar com WAP. Disponível em <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/03/14/grammy-2021-cardi-b-usa-funk-de-pedro-sampaio-ao-se-apresentar-com-wap.htm>> Acesso em 24 de Agosto de 2021.

⁶ Funk ganha destaque no grammy latino e anitta é celebrada, você venceu. Disponível em <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/07/18/funk-ganha-destaque-no-grammy-latino-e-anitta-e-celebrada-voce-venceu.htm>> Acesso em 24 de Agosto de 2021.



cultura majoritariamente negra, atualmente, o funk vem sendo apropriado pela indústria musical. O movimento *funk* é uma manifestação da cultura popular. É consumido por diversas faixas etárias, chamando a atenção para determinadas regiões da cidade, refletida a partir de uma juventude outrora negligenciada. Assim, sua influência é notável na construção destes sujeitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

É de suma importância registrarmos o funk como manifestação cultural legítima das juventudes periféricas brasileiras. Esta afirmação permite reforçar a posição de que a periferia também produz arte, desse modo, subvertendo a ideia de que a periferia protagoniza apenas atos de violência. Como cotidianamente se divulga a partir da repercussão incessante de ações violentas em bailes e a criminalização de seus artistas e frequentadores. Consideramos aqui que cultura popular é toda manifestação cultural de um povo específico, desta forma, mesmo que seja vista como uma manifestação marginal, ele prova uma nova configuração de todo espaço social da cidade.

Em sua obra, Stuart Hall (2003) aborda o estilo negro em novos termos, para ele, “na situação de diáspora, as identidades tornam-se multiplas” (Hall, 2003, p.27), quando acontecem complexas relações entre as origens africanas e as dispersões da diáspora.

Na vivência e relação entre culturas, elaboram-se novas linguísticas, estilização dos corpos, estilos de cabelo, gingados, novas formas de companheirismo e comunitarismo, sempre como “expressões híbridas formatadas entre os signos e símbolos dominantes ou subalternos” (HALL, 2003, p. 324). Para o autor o estilo, a música e o corpo negro irrompem novas estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação da cultura, bem como significação crítica, como um ato de significar a partir de materiais preexistentes.

Atualmente nos deparamos com suas letras sendo compradas e transformadas em cultura de massa pelas grandes empresas da indústria fonográfica, mas este fato não interfere em sua desqualificação pelas camadas mais conservadoras, o que torna o ritmo subversivo mesmo com sua monetização.



Como salienta Hall (1997, p.2), “a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e ideias”. Tal processo, muitas vezes, leva a “higienização” de suas letras para que se torne mais "palatável" ao mercado, podendo ser propagado pela grande mídia, neste caso o *funk*.

Para tratarmos o *funk* como estilo, abordaremos este como uma expressão simbólica das culturas juvenis, mais especificamente, a juventude funkeira, associadas a elementos imateriais e materiais expressos nas letras das músicas. Para Feixa (1998) a construção de um estilo, não é apenas uma apropriação, mas a organização, ressignificação e articulação de valores e atividade que produzem a identidade do grupo, que pode levar na diferenciação de um grupo do padrão não dominante, no nosso caso, não-funkeiros.

Acompanhamos a definição de Pais (1993, p.20) quando trata das culturais juvenis. Para o autor elas se referem “ a modos de vida específicos e práticas cotidianas dos jovens, que expressam certos significados e valores não tanto no âmbito das instituições como no âmbito da própria vida cotidiana”. A partir dessa definição pensaremos a influência deste ritmo na formação da identidade da juventude periférica mineira.

A seguir, apresentaremos algumas letras reproduzidas por MC 's da capital mineira, apontando como que o ritmo cria tendências, formas de socialização e identidades. Suas roupas, formas de falar a partir de um dialeto próprio de entendimento e empregabilidade, são fatores que falam por estes sujeitos e estes fazem revolução a partir de um ritmo (Picinini, 2017, p. 01).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para apresentar as letras compostas pelos funkeiros observamos três abordagens para distinção do *funk*, que trataremos aqui como *Funk* “Proibidão”, *Funk*



“Consciente” e o *Funk* “Putaria”, sendo estes motivos inclusive de classificações dentro do *funk* produzido na capital. A abordagem do *funk* “putaria” remete a letras onde a realidade do sexo e drogas está presente em suas letras. Gomes (2018) nos sugere uma nova abordagem para o termo, ao qual abordaremos ⁷ como “funk com temática sexual”, não aderindo ao termo popularmente conhecido.

Essa discussão é importante pois o termo “putaria” pode ser depreciativo para as trabalhadoras sexuais. O “*funk*” proibidão, geralmente ligado a facções, enquanto o *funk* “consciente”, traz o cotidiano da periferia, contando condições de vida e enfrentamento de dificuldades.

Em suas letras, os artistas do *funk* apresentam em sua linguagem discursiva a inversão linguística, que caracteriza-se pela ressignificação das palavras, atribuindo a palavras como “bandido” a conotação positiva. Ademais, apresentaremos letras do funk de BH em que destacamos algumas características de identificação. Para tanto, recorreremos à Análise de Discurso. Esta metodologia trabalha “maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada sociedade” (ORLANDI, 2005, p.16).

Buscamos apresentar alguns apontamentos a partir da análise de 50 letras de funkeiros mais tocados na contemporaneidade, e identificamos que conforme observamos em determinadas atividades, as características citadas nas músicas são possíveis de serem observadas nos sujeitos funkeiros durante bailes e/ou encontros, em suas interações em redes sociais, contribuindo para a construção da identidade funkeira.

Assim observamos em primeiro momento, a caracterização dos cabelos:

“cabelo ‘disfarçadin’, sobancelha tá no grau, me olhei no espelho e avistei foi o lobo mau.” (MC RICK, 2021).

“Com cabelo platinado E o LC de ‘enroladin’. (...) jeitinho criminoso, cabelo vermelho” (MC ANJIM, MC LC, MC LARANJINHA, 2019)

“Oh, corte na régua, puro deboche” (MC ANJIM, 2021)



Para além das letras das músicas, essas características também estão presentes nos cliques dessas músicas, reforçando ainda mais a caracterização descrita nas letras, principalmente as de estilização dos cabelos.

Para Piccolo, tais características de estilização dos cabelos, cria um laço entre tais grupos,

[...] para os jovens os adornos e pinturas nos cabelos, fazer as unhas, usar acessórios é constitutivo de sua identidade, isso é percebido pela “equipe” e outros trabalhadores da entidade como algo negativo - próprio do estigma (PICCOLO, 2006, p. 312)

Com efeito, essa prática é ressignificada, utilizada nas letras das músicas que consomem e naturalizada em seu cotidiano, criando uma identificação entre os membros dos grupos funkeiros. Vianna (1988) destaca em sua pesquisa que o funkeiro não consumia somente *funk*, outros estilos como pagode e samba também influenciavam em seu meio. Porém, a marca, que deixa é o *funk*, no período de sua pesquisa, em 1988, os funkeiros que iam aos bailes, já se destacavam. Conforme Vianna coloca o “ritual” pode às vezes fazer da renovação social, se ajudam em todos os casos, a partir dessa identificação criada, por diferentes características, tanto no vestuário, quanto nos costumes.

Também observamos nessas letras, o uso das marcas, que de forma latente é associada à identidade e identificação desses

“Ela de boot, e eu de More Core
De meia Lua, e eu de Apple Watch
Tô de Mizuno, e ela de Nike Shox” (MC ANJIM, 2021)

“Ela viu o LVzinho
Camisa da seleção” (MC ANJIM, MC LC, MC LARANJINHA,
MC FAELZIN, 2019)

“Tá exalando 212 pra dá um dichavin” (MC ANJIM, 2020)

“Polo lacoste, resenha com as mina” (MC ANJIM, PROD.
WEEZECOOPER, 2019)

O uso das marcas nas letras acima chamam atenção pois atuam como uma forma



de diferenciá-los em suas falas. Quando associados ao conceito de marca, grande parte das músicas são do intérprete Mc Anjim, e são de destaque quando narram algum encontro com outro sujeito sugerido no enredo. Associando também a algumas formas presentes no *funk* ostentação, ao qual as formas de tratarem das marcas está ligada ao fato de possuir um certo poder aquisitivo para a compra dessas mercadorias.

O funk está para além de um estilo musical, ele molda e é moldado a partir de seus sujeitos, seja a partir de suas atitudes, vestimentas, gírias, comportamentos e outras mais. Como menciona Vianna, “tudo pode ser *funky*: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma forma de tocar música que ficou conhecida como funk.” (1998, p.20)

Por fim, podemos observar que à medida que ocorrem mudanças no cenário nacional o funk também se adapta a essas mudanças. Usando exemplos do funk carioca que surgiu da representação e percepção da favela e símbolos urbanos ou como o funk ostentação ganhou espaço em São Paulo, com a inclusão das classes com menor poder aquisitivo, foi incluída de fato como consumidores no mercado. O ritmo molda pois além de um ritmo é uma prática, um estilo de vida e de consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Viana, funkeiro é “uma palavra que pode se referir a qualquer pessoa que goste “um pouco” de funk”(1988, p. 135), mas algumas abordagens mudaram desde então. Piccolo afirma que, “[...] o estigma conferido a estes jovens é justamente aquilo que lhes confere identidade: suas roupas, seus cabelos, suas gírias”(2004, p. 276), podemos identificar nas letras algumas formas de consumo dos grupos funkeiros e distinguir o funkeiro que se identifica com a letra que consome, do funkeiro que não se identifica com essas características.

O que pode ser um ponto para a identificação dos funkeiros entre si, pode ser também uma abordagem usada para não funkeiros observarem estes modos, símbolos, distinguindo esse grupo dos demais, assim como demais tribos urbanas, como os emos, skatistas e rockeiros.

Foi também observado que as músicas mais ouvidas nos streamings não são de



autoria de mulheres cis, o que indica que ainda há uma falta de visibilidade das mulheres nesse mercado. As mulheres aparecem nas letras, mas não aparecem como produtoras e disseminadoras desses ritmos, podendo exercer, no entanto, outras funções no universo das juventudes *funk*.

É inegável a importância do *funk* como gênero musical, manifestação, expressão cultural e geradora de renda quando este é consumido por grande parte da população brasileira, porém presente e produzido nas camadas mais pobres da sociedade. A identidade é capaz de tornar um indivíduo único, neste contexto, a música como oralidade é essencial para estes sujeitos contarem uma vivência e se sentirem parte de um grupo, que é essencial na formação da juventude.

Algumas indagações que surgiram na construção desta pesquisa e não foram ainda respondidas, mas servem de reflexão para novos trabalhos, como: Será o *funk* "consciente" uma forma de tornar o "proibidão" ou com teor sexual vendável e mais "consumível" para a mídia? Estes interlocutores buscam explicitar a realidade vivida na periferia e expõe a necessidade de políticas públicas pensadas para esta juventude que se faz ouvida por estas letras. Qual o ponto principal de identificação entre os sujeitos funkeiros com essas letras?

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o rap e funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito à obtenção do título de Doutor em Educação Subárea de concentração: Estado, Sociedade e Educação Orientadora: Profª. Marília Pontes Sposito São Paulo Faculdade de Educação da USP 2001.

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. **Revista Educação e Pesquisa**. V 28. São Paulo. 2002.

FACINA, Adriana. "NÃO ME BATE DOUTOR": funk e discriminação da pobreza. Anais V ENECULT, 2009.

HALL, Stuart. **The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time**. In.: THOMPSON, Kenneth (ed.). Media and cultural regulation. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. (Cap. 5)



Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maris Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural da pós-modernidade.** 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

GILROY, Paul **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência,** São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

MC Anjim - Mais Tocadas - <https://www.letras.mus.br/mc-anjim/mais-tocadas.html>
- acesso às 15:31 data 30 de setembro de 2021.

MC Rick - Mais Tocadas - <https://www.letras.mus.br/mc-anjim/mais-tocadas.html>
- acesso às 16:51 data 30 de setembro de 2021.

PICININI, C. Ensaio sobre a forma revolucionária da música funk. **Revista DIAPHONÍA**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 189–193, 2017. DOI: 10.48075/rd.v3i1.17212. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/17212>. Acesso em: 25 out. 2021.

SÁ, Simone Pereira de. Som de preto, de proibidão e tchutchucas: o Rio de Janeiro nas pistas do funk carioca. In: PRYSTON, A. & CUNHA P. Ecos Urbanos. **As cidades e suas articulações midiáticas.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANSONE, Lívio. Funk baiano: uma versão local de um fenômeno global? In: HERSCHMANN, Micael (org) **Abalando os anos 90, funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural.** Rio de Janeiro: Rocco:1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do estado habitado.** São Paulo: Hucitec,

1988. VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1988.

OLIVEIRA, Eduardo Gontijo, DEUS, Alan da Cruz e LIBERATO, Rita de Cássia. O funk de Belo Horizonte: produção e ressignificação dos espaços da cidade. **Anais IV Jornada de Ciências Sociais da UFJF.** “As Ciências Sociais: Caminhos e interseções”. 10 a 13 de novembro de 2015, UFJF, Juiz de Fora MG.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos/** Eni P. Orlandi – 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos/** eni P. Orlandi - 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Os jovens entre o morro e a rua: reflexões a partir do



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

55 EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

baile funk. In: VELHO, Gilberto (Org.). Rio de Janeiro: cultura, política e conflito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 30-58